

# Tradução e representação da Amazônia

Klondy Lúcia de Oliveira Agra\*

## Índice

1 Amazon Town: A Amazônica sob uma visão estrangeira	2
1.1 O caminho de Wagley à Amazônia Brasileira . . . . .	2
1.2 A visão de Wagley sobre o homem amazônico e sua cultura . .	7
1.3 Novos sentidos: a reavaliação dos pontos de vista . . . . .	11
1.4 A tradução da Amazônia à cultura estrangeira . . . . .	13
2 Referências bibliográficas	20

## Resumo

Este artigo resulta de análise a obra de Charles Wagley, *Amazon Town*. O objetivo principal dessa análise é demonstrar a importância de sentidos culturalmente construídos no processo de tradução. Este estudo verifica os sentidos culturalmente construídos pelo autor na sua cultura de origem e na cultura amazônica, através da análise das

\*Mestra em Lingüística, pesquisadora do Núcleo de Estudos Canadenses e professora da UNIRON. Este artigo resulta da dissertação “Tradução e Representação da Amazônia: uma análise da obra de Charles Wagley, *Amazon Town* e de sua tradução para o português brasileiro” apresentada ao programa de Mestrado em Lingüística da Universidade Federal de Rondônia, Campus Guajará-Mirim, sob a orientação do Professor Doutor Miguel Nenevé.

suas condições de produção e com o auxílio de alguns dados biográficos, observa-se a influência desses sentidos na leitura, compreensão e tradução do cenário amazônico. Investiga-se, também, a presença do preconceito, do discurso colonial e outros fatores culturais que colaboram e interferem na construção e reavaliação dos sentidos e no processo de tradução. Na totalidade deste estudo, os problemas semânticos estão em primeiro plano, relacionando-se com o comportamento humano, a psicologia e a filologia. Compreende-se a cultura como uma questão onipresente e influenciadora de todas as decisões, confirma-se que a construção de sentidos na cultura pesquisada e na cultura alvo é fator imprescindível no processo de tradução e que a língua e a cultura são binômios inseparáveis.

Neste artigo analiso a obra de Charles Wagley, *Amazon Town*, segunda edição, publicada em 1976, pela *Oxford University Press*. Embora sua primeira edição tenha sido publicada em 1953, optou-se pela segunda edição nesta análise por ter sido nela incluído capítulo mais recente, resultado da pesquisa de Darrel L. Miller, estudante de pós-graduação da Universidade da Flórida e orientando de Charles Wagley. A escolha dessa obra deu-se, principalmente, por tratar-se de um trabalho que expõe a Amazônia

brasileira e o modo de vida do seu povo, descrevendo em detalhes ações, hábitos, pensamentos e crenças, a maneira de atuar do homem amazônico, descrições que formam um cenário de composições e de orientações da Amazônia para o mundo. Por sua grande importância no cenário internacional, *Amazon Town* inspirou Elizabeth Bishop<sup>1</sup> em seus poemas sobre o Brasil e tem inspirado vários outros escritores e poetas estrangeiros a escreverem sobre a região. Outro fator relevante, de grande influência na escolha desta obra à pesquisa, é o fato de *Amazon Town* poder ser considerado uma “tradução” do Brasil para leitores estrangeiros e que essa é uma atividade que envolve todos os tipos de estágios no processo de transferência lingüística e de transferência intercultural. Neste trabalho, procura-se esclarecer a confusão entre a significação da palavra e seu referente para demonstrar que a significação, por envolver fatores culturais, deve também, na tradução, envolver a construção de sentidos.

## 1 Amazon Town: A Amazônica sob uma visão estrangeira

### 1.1 O caminho de Wagley à Amazônia Brasileira

Com o intuito de analisarmos o autor estrangeiro e sua construção de sentidos na tradução da cultura amazônica brasileira a sua cul-

<sup>1</sup>“*The River man*”, Elisabeth Bishop. *The River man* foi o resultado do imaginativo notável da escritora que antes de sua viagem à Amazônia, leu o livro *Amazon Town* de Charles Wagley e o utilizou como fonte primária. Em seu prefácio, Bishop reconhece a fonte, apresenta seus personagens e outros detalhes do poema. Cf. In Martins, Maria Lucia Milleo (1992). Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC.

tura, retomam-se alguns dados biográficos de Charles Wagley para, através deles, verificar os sentidos culturalmente construídos por esse autor na cultura brasileira e, principalmente, na cultura amazônica.

Desse modo, leva-se em conta que, embora Charles Wagley tenha vindo ao Brasil com seus valores culturais construídos com base na sua cultura, uma cultura estrangeira, aparentemente, esse autor já possuía alguns valores culturais com sentidos e referências da cultura brasileira. Ainda muito jovem, Wagley casou com a brasileira Cecília Roxo. Falava a língua portuguesa e tinha aluno doutoral e amigo brasileiro, Eduardo Galvão. Compreende-se então que, através do amigo e, principalmente, através do casamento brasileiro, Wagley alargou sua amizade com brasileiros, aumentando seu conhecimento sobre o Brasil.

Assim sendo, supõe-se que aos poucos, com a convivência diária, Wagley foi modificando seus valores culturais, gerando impressões destes valores em sua mente, o que lhe tornaria possível um construto cultural compartilhado que o levasse a representações subjetivas, pessoais, sobre a cultura do brasileiro. A respeito desse construto, Ferrarezi Jr. (2003)<sup>2</sup> comenta:

Os sentidos se constroem culturalmente, e tudo o que é construído culturalmente é, obrigatoriamente, vinculado a valores culturais. Por isso mesmo os sentidos expressam, além de suas ações referenciais, valores culturais e, por isso, geram uma *impressão* desses valores nas mentes dos

<sup>2</sup>Ferrarezi Jr., Celso (2003a). “A especialização dos sentidos: palavra, contexto e cenário”. “(mimeo)”. Texto fornecido no curso de Mestrado em Lingüística.

falantes. É a partir dessas impressões de valores que construímos nossas representações. Mas, elas - as impressões de valores culturais - não são as representações, pois elas são, ainda, somente um construto cultural e compartilhado, e as representações são subjetivas, pessoais.

Segundo teorias revistas, tais como Racadah (2002) e Bakhtin (1999), entre outros, acredita-se que Charles Wagley, com o objetivo de interpretar em sua obra o dia a dia amazônico, procurou evocar pontos de vista que pertencessem à cultura da comunidade lingüística estudada e, através das representações coletivas, reconstruiu a realidade pesquisada, interpretando-a e traduzindo-a através do seu discurso à sua cultura.

No entanto, o fato de Wagley ser estrangeiro, ter sentidos construídos e especializados em sua cultura e interpretar um cenário também estrangeiro a ele, faz com que o interesse da pesquisa volte-se à construção e especialização dos sentidos do autor dentro da cultura por ele pesquisada. Destarte, através das condições de produção do autor reconhece-se que o envolvimento de Wagley com a cultura amazônica, aparentemente, aconteceu a partir do seu crescente interesse pela pesquisa no Brasil. Fato observável já no prefácio de sua obra:

Quando deixei o Brasil, em 1940, tinha a certeza de que voltaria. Meu conhecimento superficial do país, de passagem pelo Rio de Janeiro, São Paulo e Goiás, em minhas viagens de ida e volta para a aldeia dos Tapirapé, deu-me a convicção de que o Brasil é um dos mais interessantes laboratórios de pesquisa para a antropologia social. Desde então tenho me dedicado, de uma maneira ou de outra, ao

estudo do Brasil moderno.<sup>3</sup> [Minha tradução]

Considera-se, então, que, ao longo do tempo, Wagley foi, através da convivência com brasileiros e de seu trabalho no Brasil, construindo sentidos e compartilhando-os com os falantes da língua portuguesa falada no Brasil.

Quando, em 1941, Wagley retornou ao Brasil para estudar os índios Tenetehara, tribo que vivia em contato estreito com brasileiros da zona rural, seus conhecimentos e envolvimento com a cultura brasileira já haviam se alargado. Assim, em 1942, quando foi indicado para fazer parte do SESP<sup>4</sup> (Serviço Especial de Saúde Pública), já contava com o renome de antropólogo social com grande experiência e conhecimento do sertão brasileiro.

Durante três anos e meio, Charles Wagley foi membro da missão técnica brasileira do Instituto de Assuntos Interamericanos ligado ao SESP, desempenhando várias fun-

<sup>3</sup>“When I left Brazil in 1940, I knew that I would return. My casual acquaintance with the country during my passage from Rio de Janeiro through São Paulo and Goiás to and from the Tapirapé village convinced me that Brazil was one of the world's most exciting laboratories for research in social anthropology. Since that time I have devoted myself in one way or another to the study of modern Brazil.” (In:Wagley, 1976: xv)

<sup>4</sup>O SESP foi um órgão estabelecido, inicialmente, pelos governos do Brasil e Estado Unidos como programa comum para o esforço de guerra. Tinha como objetivo principal o fornecimento da assistência médica aos produtores de matérias-primas estratégicas, ou seja, aos seringueiros do Vale Amazônico, migrantes das zonas do nordeste devastadas pelas secas que recorriam ao Amazonas em busca de ganho à sobrevivência através da extração da borracha. E aos mineiros de mica e quartzo das regiões montanhosas do Brasil central.

ções: foi membro do escritório regional no Vale Amazônico, diretor do programa de Migração, assistente da superintendência e diretor da Divisão de Educação Sanitária. Nessas funções, Wagley manteve contato direto com milhares de pessoas: com nordestinos que deixavam seus lares no árido Nordeste para trabalhar no Amazonas, com caboclos resultante da mistura de raças dos primeiros migrantes e com índios amazônicos.

Tal convivência, no decorrer dos anos, levou Wagley a aprender sobre o Brasil, percebendo e construindo seus sentidos na cultura amazônica. Sentidos que somaram experiência e conhecimento a bagagem cultural do antropólogo. A esse respeito Wagley comenta:

No decorrer desses anos muito aprendi sobre o Brasil, tanto na minha qualidade de antropólogo, quanto na de administrador. Meu ponto de vista antropológico auxiliou-me enormemente nas questões de administração e planejamento, da mesma maneira que minha crescente familiaridade com os problemas práticos contribuiu para aguçar meu interesse científico no Brasil. Em minhas viagens através de extensas regiões do interior brasileiro e na minha convivência com habitantes de zonas rurais, adquiri consciência dos problemas agrícolas, tanto do ponto de vista do povo, como do ponto de vista dos planejadores da cidade.<sup>5</sup> [Minha Tradução]

<sup>5</sup>“During these years I learned about Brazil both as an anthropologist and as a practical administrator. My anthropological perspective was of tremendous help in the work of administration and planning, and in return my growing familiarity with practical problems helped to sharpen the focus of my scientific interest in Brazil. In traveling over a large part of the

Desse modo, compreende-se que desde seus primeiros interesses a respeito do Brasil, Charles Wagley foi construindo sentidos na cultura brasileira e, ao visitar pela primeira vez a pequena Itá, em 1942, viagem de estudo que antecedeu o planejamento do serviço de saúde pública do SESP, já tinha sentidos culturalmente construídos dentro da cultura brasileira. Entende-se ainda que foi durante essa viagem, feita de lancha, descendo o rio Amazonas, em companhia de seu assistente, Cleo Braga, que Wagley começou a construir sentidos amazônicos, vivenciando fatos, encontros e conversas com o povo amazônico:

Foi nessa lenta viagem de lancha, descendo o rio Amazonas, na companhia de meu jovem assistente brasileiro e companheiro, Cleo Braga, que, pela primeira vez, tive consciência da cultura amazônica e da necessidade de um estudo da vida do homem da Amazônia. À medida que visitávamos as aldeias e os postos de comércio do Baixo Amazonas e que conversávamos com pessoas de todas as classes sociais, cheguei à conclusão que a exótica magnificência do panorama tropical havia desviado as atenções do homem do Vale Amazônico.<sup>6</sup> [Minha tradução]

*Brazilian hinterland, and by living with rural Brazilians, I became aware of rural problems as viewed both by the people themselves and by the planners and executives from the city.”* (In: Wagley, 1975: xvi)

<sup>6</sup>“It was on this slow trip by launch down the Amazon River, with my young Brazilian assistant and companion Cleo Braga, that first became aware of the richness of Amazon culture and of need for a study of a life of man in the Amazon. As we visited the towns and trading posts of lower Amazon River and we talked with people of all classes, I came to realize that exotic grandeur of the tropical scene had drawn at-

Nessa primeira visita de Wagley a Itá, provavelmente com alguns sentidos construídos durante sua viagem, o autor reconhece a pouca importância dada pela literatura mundial à cultura e ao homem amazônico e declara ainda no prefácio de *Amazon Town*: “As clássicas narrações de H.W.Bates, Alfred R. Wallace, do tenente William Herndon, de Louis Agassiz e outros, que descrevem o grande vale, fazem referências surpreendentemente escassas ao homem e às questões humanas.”<sup>7</sup> [Minha tradução]

Assim, um antropólogo com interesses voltados ao estudo do homem amazônico, Charles Wagley, nessa sua viagem, interessou-se pelo estudo das pessoas e modos de vida da comunidade que, a fim de preservar seus informantes, mais tarde deu o nome fictício de Itá, local que lhe pareceu ideal para um estudo dessa natureza.

Em 1943, quando o SESP instalou um posto de saúde em Itá, Wagley pôde acompanhar de longe os acontecimentos da comunidade, lendo relatórios médicos e reunindo grande quantidade de dados a respeito da comunidade de Itá.

Ao retornar a Itá em 1945, acompanhado de dois colaboradores brasileiros, Eduardo Catete Pinheiro, especialista em educação sanitária e do também escritor, Dalcídio Jurandir, ambos com grande vivência na Amazônia, Charles Wagley já havia construído alguns sentidos amazônicos. Estes sentidos foram expandindo-se conforme seu

---

*attention away from the activities of man in the Amazon Valley*”. (In: Wagley, 1976: xvi)

<sup>7</sup>“The classical accounts of H.W. Bates, of Alfred R. Wallace, of Lieutenant William Herndon, Of Louis Agassiz, and others who describe the great valley have devoted astonishingly little attention to man and the human affairs”. (In: Wagley, 1976: xvi)

envolvimento cultural, vinculando-os aos valores culturais amazônicos. Para a obtenção deste envolvimento cultural com a cultura amazônica, Dalcídio e Eduardo Pinheiro foram muito importantes para Wagley. Fato reconhecido nesta declaração do autor:

Em sua mocidade, Dalcídio vivera em Itá, onde servira como secretário do prefeito da cidade. Seu profundo conhecimento da vida e da cidade e o grande círculo de amigos a que me apresentou, tornaram-me possível aprender mais a respeito de Itá, em um mês, do que o teria conseguido em dois meses sem o seu auxílio. Catete Pinheiro e Dalcídio Jurandir, pela própria formação de suas vidas, muito me ensinaram sobre a Amazônia.<sup>8</sup> [Minha tradução]

Ainda assim, com esse envolvimento cultural buscado por Wagley, através do conhecimento de pessoas e modos de vida amazônicos, viu-se no referencial teórico estudado que há outros fatores que influenciam a leitura e interpretação de contextos e cenários. Sabe-se, portanto que, além do domínio da língua falada nesses contextos e cenários, importam também vários outros fatores que poderiam levar o autor a conclusões incorretas sobre a cultura pesquisada, tais como: os sentidos construídos em sua própria cultura, a visão colonizadora e até mesmo a

---

<sup>8</sup>“In his earlier years Dalcidio had lived in Itá and served as the secretary to the town’s mayor. His intimate knowledge of the life of the town and the large circle of friends into which he introduced me made it possible to learn more about Itá in a month than I might have learned in more than twice that time without his help. Both Cattete Pinheiro and Dalcidio Jurandir taught me much about the Amazon out of fabric of their own lives”. (In: Wagley, 1976: xvii)

mescla cultural no próprio cenário pesquisado. Tais fatores formam uma gama de conhecimentos que especializarão ou não os sentidos culturalmente construídos, sentidos que, só através da especialização, possibilitam a correta interpretação, evitando mal-entendidos. A semântica dos pontos de vista, o contexto lingüístico e extralingüístico entram em jogo.

Segundo o autor, os dados de *Amazon Town* foram colhidos de junho a setembro de 1948, durante um estudo da Amazônia realizado pela Organização Cultural, Científica e Educacional das Nações Unidas, para o Instituto Internacional da Hiléia Amazônica, como já se mencionou anteriormente. Ainda, segundo o autor, no prefácio da obra, durante esses meses de pesquisa em Itá, ele não estava só. Wagley contou com a participação de três outros brasileiros: Eduardo Galvão, Clara Galvão e sua esposa Cecília, que já o havia acompanhado a Itá em 1942. Ali, alugaram casa, trabalharam e viveram. Faziam as refeições na residência de um comerciante local, visitavam pessoas e as pessoas os visitavam. Frequentavam festas, bailes, conversavam em esquinas e lojas, viajavam em canoas de moradores locais, iam a festejos, frequentavam suas plantações e roças. Visitavam postos de comércio onde seringueiros ofereciam seus produtos. Participaram da vida de Itá tanto quanto o possível. Quanto a esse envolvimento Wagley comenta:

Participamos da vida de Itá tanto quanto é possível a um estranho fazê-lo. Não havia barreiras de língua, pois três componentes de nossa equipe de estudos eram brasileiros e, eu próprio, tenho um certo domínio da língua portuguesa. Cada um de nós realizava, diariamente, longas en-

trevistas com numerosas pessoas de todas as condições sociais e todos os dias tomávamos copiosas notas. Com o auxílio de dois assistentes do lugar, nossa equipe realizou estudos de caso de 113 famílias da comunidade, que abrangeram pormenores sobre sua alimentação, despesas, rendimentos, objetos pessoais, além de várias outras informações específicas de caráter econômico e social.<sup>9</sup> [Minha tradução]

Os sentidos, como já se observou, não os percebemos, os construímos. Em um cenário como o amazônico, possuidor de miscigenações, variedades lingüísticas e outros fatores já mencionados que influenciam na interpretação, o leitor desses cenários não pode permitir redução ou assimilações impostas por sentidos construídos em outra cultura. Pois o conceito de sentido está relacionado à noção de ponto de vista. Portanto, como se observou em Raccah (2002), a possibilidade ou não de uma pessoa interpretar contextos e cenários está fundamentada na disponibilidade de cada pessoa ter pontos de vista acessíveis, ativados pelos elementos de uma língua. Essa propriedade da língua, que nos permite ativar pontos de vista sobre o mundo, permite também considerar que

<sup>9</sup> “We participated as much in Itá life as it is possible for outsiders to do. There was no linguistic barrier, for three of our research group was Brazilians and I have an adequate command of Portuguese. Each of us had long interviews each day with a number of people from all walks of life, and we wrote down copious daily notes. Case studies of 113 families, which covered details of their diet, expenditures, income, personal possessions, and much other specific economic and social information were carried out in the community by our research group with the help of two local assistants”. (In: Wagley, 1976: xvii)

os sentidos culturalmente construídos funcionam como uma memória coletiva da sociedade a que eles pertencem e são eles que cristalizam crenças e ideologias compartilhadas nessa determinada comunidade lingüística.

Assim, constata-se que, para o autor estrangeiro ler os contextos e cenários amazônicos e traduzi-los para sua audiência, torna-se necessário que ele construa sentidos dentro da cultura amazônica e, através de sua vivência, acredita-se que Wagley construiu sentidos dentro dessa cultura. Entretanto, observando a obra de Wagley, nota-se que, apesar de seu envolvimento com a cultura por ele analisada, durante a tradução da cultura amazônica a sua cultura, o autor deixa transparecer sentidos construídos em sua própria cultura, algumas vezes com preconceito com vestígios colonialistas. Para melhor analisar tais vestígios, procurou-se observar a visão do autor sobre o homem amazônico.

## 1.2 A visão de Wagley sobre o homem amazônico e sua cultura

Visto pela comunidade internacional como um *brasilianista* (termo que levanta algumas polêmicas), Charles Wagley sempre deixou claro em seus trabalhos o reconhecimento à diversidade brasileira, demonstrando assim, aparentemente, ser um conhecedor do Brasil e não aceitar generalizações. Sobre o assunto, Wagley declara:

[...] de fato há vários Brasis. O Brasil é feito de três raças e sua cultura é derivada dos três continentes, mas suas maiores instituições, sua língua e seus padrões básicos de comportamento são

européus, modificados e desenvolvidos no Novo Mundo. Foi a herança portuguesa e as experiências comuns no Novo Mundo que deram unidade ao *mosaico brasileiro*.<sup>10</sup> [Minha tradução].

Assim, através do seu discurso, observa-se que Wagley dizia-se conhecedor da complexidade do meio brasileiro e por isso alegava não fazer generalizações. Como comenta em seus trabalhos: “[...] a verdadeira compreensão do Brasil é a compreensão de sua complexidade”, onde chega a afirmar que “[...] ama a terra brasileira como uma segunda pátria”. Afirmativas também encontradas em seu ensaio intitulado “*Se eu fosse um brasileiro*”.

No entanto, logo nas primeiras linhas de *Amazon Town*, o autor deixa transparecer que sentidos construídos em sua cultura, imperialista e colonizadora, ainda prevalecem sobre sentidos culturalmente construídos na Amazônia, o que é observável neste trecho:

Este livro é estudo de uma região e do estilo de vida de seu povo. A região é a Amazônia brasileira onde o estilo de vida distintamente tropical foi formado pela fusão das culturas indígena americana e portuguesa durante os últimos três séculos. Num sentido maior, o livro é estudo da adaptação do homem no ambiente tropical. E, é também, o estudo de

<sup>10</sup> “[...] there are indeed many Brasis. Brazil is made up of three races and its culture is derived from three continents, but its major institutions, its language and its basic patterns of behavior are European ones, modified and developed in the New World environment. It was the Portuguese heritage and the common experience in the New World that have unity to the Brazilian mosaic.” (Apresentação do livro, na capa da obra traduzida, com comentários de A. J. L., 1977).

caso de uma área “retrógrada” e subdesenvolvida.<sup>11</sup> [Minha tradução]

A tradução é um ato de compreensão e, ao ler-se contextos e cenários, de uma mesma cultura, com sentidos construídos que levem ao mesmo significado, há a possibilidade de controvérsias e mal entendidos, gerando contradições. Em se tratando da cultura do “outro”, a necessidade de conhecê-la é fator primordial à leitura e interpretação para a compreensão. Como vimos em Bakhtin (1999:132), o processo ativo de compreensão se baseia no fato de que todo ser cultural interage com os objetos culturais. Assim, observa-se que, apesar de o autor julgar-se apto a descrever a cultura amazônica, ao olhar a região brasileira como *retrógrada e subdesenvolvida*, Charles Wagley está emitindo juízo de valor formado através de sentidos construídos em sua cultura de origem e que, em seu estudo sobre costumes e modos de vida amazônicos, tais sentidos podem ter interferido na compreensão/tradução do cenário amazônico a sua cultura.

A não especialização dos sentidos do autor na cultura por ele pesquisada está presente também na seguinte afirmação: “*É dito frequentemente no Brasil: acredite na Virgem e corra*”, quando o autor refere-se a uma variação popular do ditado popular brasileiro: *Fé em Deus e pé na tábuca*, e levado pela falta de compreensão, o autor comple-

<sup>11</sup> “*This book is a study of a region and the way of life of its people. The region is the Brazilian Amazon where a distinctive tropical way of life has been formed by the fusion of American Indian and Portuguese cultures during the last three centuries. In larger sense, the book is a study of adaptation of man to a tropical environment. It is also a case study of a “backward” and underdeveloped area*”. (In Wagley, 1976: 2)

menta: “*em outras palavras, ninguém deve confiar unicamente na fé*”.<sup>12</sup> [Minha tradução]. O que mostra claramente o mal entendido do autor já que no Brasil tal ditado popular tem o significado de incentivo: *Tenha fé e siga em frente!*

Levando-se em conta que toda palavra usada na fala real possui não apenas tema<sup>13</sup> e significação no sentido objetivo, de conteúdo, desses termos, mas também um acento de valor ou *apreciativo*<sup>14</sup>, pode-se afirmar que o autor, no início do primeiro capítulo de sua obra *O Problema do Homem nos Trópicos*, emitiu valores apreciativos que, contrariando suas palavras apresentadas na capa e no prefácio, demonstram sentidos construídos numa cultura colonialista, com conotações imperialistas que sugerem que a cultura do “outro” é inferior a sua.

Ainda na introdução, a fim de ter argumentos de defesa aos seus juízos de valor, Charles Wagley cita Truman<sup>15</sup> e a “verdade” do então presidente norte-americano sobre a

<sup>12</sup> “*There is an often repeated saying in Brazil: “Believe in the Virgin and run”; in other words, one should not rely upon faith alone.*” (In: Wagley, 1976: 254)

<sup>13</sup> Tema é o sentido geral do que é dito. Cf. in Bakhtin, 1999:128.

<sup>14</sup> Acento apreciativo não é um traço secundário, é essencial para determinação da significação do que se diz. É um traço primário à especialização do sentido. Cf. in Bakhtin, 1999:132.

<sup>15</sup> “*More than half of the people of the world are living in conditions approaching misery. Their food is inadequate. They are victims of disease. Their economic life is primitive and stagnant. Their poverty is a handicap and a threat and to prosperous areas.*” “*Mais da metade da população do mundo estão vivendo em condições que se aproximam da miséria. Sua alimentação é insuficiente. São vítimas das doenças. Sua vida econômica é primitiva e estagnada. E a sua pobreza é um empecilho e uma ameaça, não só a eles próprios, como as áreas mais prósperas*”.

ameaça das áreas pobres do planeta sobre as áreas mais prósperas e declara:

O interesse pelas regiões do globo economicamente marginais, começa a despertar. Extensas áreas do globo, habitadas por povos subnutridos, não-industriais, pareciam-nos, outrora, de pouca importância para o nosso próprio bem-estar. Mas, aos poucos, fomos compreendendo que a luta desses povos afetava todo o mundo.<sup>16</sup> [Minha tradução]

Demonstrando interesse em mudar o modo de vida do “outro”, Wagley continua:

A melhoria das condições de vida dessas pessoas não precisa aguardar novos avanços científicos. A humanidade já possui o conhecimento técnico, o resultado da acumulação de contribuições de muitos séculos de homens de muitas nações, necessário a melhoraria de seu quinhão. O problema está em estender esse conhecimento e as habilidades técnicas que o mundo já possui para a metade do mundo que não o adquiriu. Isto é um dos problemas cruciais do nosso tempo.

A maioria das zonas subdesenvolvidas está localizada em zonas tropicais e semitropicais, embora a região tropical não detenha o monopólio da miséria. Em geral, são as regiões tropicais da África,

(Discurso de posse, pronunciado em 20 de janeiro de 1949) [Minha tradução]

<sup>16</sup>“*There is an awakening interest in the economically marginal regions of the world. Vast quarters of the globe, inhabited by non-industrial undernourished peoples, once seemed of little importance to our own welfare. It has gradually become clear to us that the plight of these people is the world’s concern*”. (In Wagley,1976: 2)

Ásia, as Ilhas do Pacífico, o Oriente Médio e Américas as mais retardadas economicamente. E são as zonas tropicais, quentes e úmidas, como as da África Equatorial, da Bacia da Amazônia, e da Nova Guiné que, em contraste com as zonas tropicais quentes, mas áridas, têm propiciado até o presente o habitat menos favorável para homem.<sup>17</sup> [Minha tradução]

Observa-se aí que a preocupação do autor com o homem amazônico, na realidade, não está baseada na cultura amazônica, e sim em sua própria cultura. Ele procura soluções para o desenvolvimento da Amazônia brasileira e julga-se apto a interpretar esta região sob seus próprios sentidos e significados. Ele afirma que a Amazônia não é um habitat favorável ao homem não deixando claro a que homem ele se refere, remetendo o leitor ao europeu ou ao americano. Nesse sentido, o autor parece esquecer o objeto de sua pes-

<sup>17</sup>“*Yet the improvement of the of the condition of life of these people need not await new scientific advances. Mankind possesses the technical knowledge, the result of an accumulation over many centuries of the contributions of men of many nations, to improve their lot. The problem is the extension of knowledge and the technical skills which the world already possesses to the half of the world which has not acquired them. This is one of the crucial problems of our time*”. (In Wagley,1976: 2)

“*Most under-developed areas are found in tropical and semitropical zones, although the tropics obviously have no monopoly on misery. In general, it is the tropical portions of Africa, Asia, the Pacific Islands, the Middle East, and the Americas which are the most retarded economically. And it is especially the hot and the humid tropics, such as Equatorial Africa, the Amazon Basin, and the New Guinea, in contrasts to the hot but arid tropics, which up to the present seem to have provided the least favorable habitat for man.*” (In Wagley,1976: 2)

quisa: o homem de Itá. Wagley, como estrangeiro e pertencente a outra cultura, vê a cultura local e o dono da terra, mas não o compreende. Lê o contexto e o cenário: o índio, o caboclo e a mistura de raças, que originou a comunidade de Itá e sua cultura, mas ainda não os interpreta, não consegue compreender porque não construiu sentidos na cultura amazônica.

Adiante, Wagley demonstra mais uma vez seus sentidos construídos em cultura imperi-alista e colonizadora e comenta:

Apesar de a Amazônia brasileira conter apenas uma pequena porção das pessoas subdesenvolvidas da Terra, seu território imenso, suas terras inexploradas e seus recursos desconhecidos podem um dia desempenhar importante papel na solução dos problemas mundiais decorrentes da fome e da miséria.<sup>18</sup> [Minha tradução]

Vê o homem amazônico como atrasado e subdesenvolvido e enxerga a cultura do “outro” como inferior, estrangeira e pronta a ser modificada pelo colonizador<sup>19</sup>, aquele que explora e retira da terra tudo o que lhe convém. Wagley apresenta, em seu primeiro contato com o leitor, seus sentidos construídos em uma cultura que lê a cultura local como subalterna. Desse modo, Wagley repete o fenômeno já observado nas narrativas anteriores sobre a Amazônia e que pode

<sup>18</sup> “*Though the Brazilian Amazon contains but a small portion of the backward peoples of the earth, its immense territory, its unexploited lands, and its unknown resources may some day play an important role in relieving world problems which result from hunger and misery.*” (In Wagley, 1976: 3)

<sup>19</sup>Cf. in BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. 3ª edição. Companhia das Letras. São Paulo. 1992.

ser reconhecido como uma visão colonizadora, ou seja, interesses e idéias que vêm atender apenas ao colonizador e não ao colonizado. Essa forma de colonização revela, que por ser feita sem conhecer e sem respeitar a cultura do “outro”, vai muito além da *colonização* como o simples ato de ocupação da terra, ou seja, vai ao sentido básico de *colo*<sup>20</sup>, tomar conta de, importando não só em *cuidar*, mas também em *mandar*. Assim, quando Charles Wagley vê a população da Amazônia brasileira como retrógrada e atrasada, demonstra que leu o cenário, entrevistou, conviveu, mas não demonstra, ainda, ter construído e especializado seus sentidos na Amazônia. Pode-se dizer que o autor revela, assim, suas representações<sup>21</sup>, ou seja, seus conhecimentos anteriores e suas experiências já vividas que influenciam sua visão ao cenário e ao homem amazônico. Com tais representações, Wagley comenta: “*As atuais condições do Vale Amazônico qualificam-no, sem sombra de dúvidas, como uma área atrasada. Aproximadamente 60 por cento das pessoas que habitam a Amazônia brasileira são analfabetas.*”<sup>22</sup> E, reafirmando seus pontos de vista Wagley continua: “*Além de tudo isto, as pessoas da Amazônia não têm comida o sufici-*

<sup>20</sup>Colo é a matriz de colônia enquanto espaço que se está ocupando, terra ou povo que se pode trabalhar e sujeitar. (cf. in Bosi, 1992:11)

<sup>21</sup>A representação é a imagem interna imersa no subconsciente de cada indivíduo. É inteiramente subjetiva. Difere essencialmente do sentido de um sinal. A representação é construída a partir de experiências vividas. (cf. in Frege, 1997:105-116)

<sup>22</sup>“*Present conditions in the Amazon Valley certainly qualify it without any doubt as an underdeveloped area. Approximately 60 percent of the people who inhabit the Brazilian Amazon are illiterate.*” (In Wagley, 1976: 4)

*ente. A impressão geral dos pesquisadores é que o estado de deficiência alimentar, talvez mesmo de semi-inanição, predomina em todo o Vale.*” Ainda, observando a situação econômica de Itá, generaliza seus pontos de vista, mais uma vez, a todo o Vale: “*A vida econômica do Vale é claramente “primitiva e estagnada*”.<sup>23</sup> [Minha tradução]

Observa-se assim que a representação do autor sobre o homem e a cultura amazônica, ou seja, a visão que ele já possuía sobre a Amazônia brasileira e sobre o homem que a habitava está baseada em sentidos culturalmente construídos dentro da sua própria cultura. A partir desta constatação, verifica-se a seguir, através da análise do discurso de Wagley, se houve, e de que modo houve, a mudança de pontos de vista do autor sobre o cenário por ele pesquisado e como sua compreensão foi traduzida a sua cultura.

### 1.3 Novos sentidos: a reavaliação dos pontos de vista

Levando-se em conta que a Amazônia que Wagley descreve é a Amazônia de 1948, entende-se que ele e outros pesquisadores não deveriam esperar uma região com grandes cidades, grandes escolas, população letrada e fornecimento de comidas variadas em grandes mercados e restaurantes. Portanto, Wagley, que na capa de sua obra, segundo A.J.L., declara que a verdadeira compreensão do Brasil é a compreensão de sua complexidade, lê e interpreta o cenário amazônico com sentidos construídos em outra cultura, fato que o leva a um processo de compreensão “errônea”, pois compreender a cul-

<sup>23</sup> “*The economic life of the Valley is clearly ‘primitive and stagnant’.*” (In Wagley, 1976: 4)

tura do “outro” significa orientar-se em relação a ela, ler e entender o lugar adequado, da coisa certa, no contexto correspondente, evitando assim as contradições<sup>24</sup>. Contradições ou paradoxos que, segundo Epstein (1993), têm seus sentidos adquiridos exatamente por essas mudanças de sentidos.

Destarte, antes de falar sobre Itá e sua gente, o autor faz digressões sobre outros textos, outras pesquisas, cita dados referentes à saúde, à influência da alimentação no crescimento do homem amazônico e outras tantas questões e pergunta-se:

A população esparsa, as péssimas condições sanitárias, os padrões de vida deploravelmente baixos e a ausência da indústria serão um indício de que o ambiente da Amazônia é um obstáculo insuperável ao homem? Em outras palavras, o ambiente tropical, quente e úmido, imporá limitações ao desenvolvimento humano a ponto de tornar quase impossível o aumento do padrão de vida nessas regiões? Esta é uma questão decisiva para todas as regiões tropicais. Nas condições específicas da Amazônia, será esta uma fronteira que deverá ser habitada e desenvolvida em benefício da fome do mundo, ou estará fadada a ser para sempre o “deserto verde”? As opiniões sobre o potencial amazônico são desconstruídas. Os pessimistas descrevem-na como um “inferno verde” e por concentrar tantos sonhos grandiosos nesta região, ela foi chamada de “ópio verde”.<sup>25</sup> [Minha tradução]

<sup>24</sup>Cf. in Isaac Epstein. *Gramática do Poder*, 1993:54.

<sup>25</sup> “*Do this sparse population, these wretched health conditions, the deplorably low standards of living, and the lack of industry mean that the Ama-*

Portanto, após tecer comentários a opiniões de Alexandre Von Humboldt, Alfred Russel Wallace e outras leituras anteriores e, ainda, citar dados baseados em pesquisas anteriores sobre os efeitos do clima no crescimento e desenvolvimento do homem amazônico, e das dificuldades fisiológicas que a alimentação inadequada e o clima tropical parecem provocar (retardamento do crescimento e da maturidade sexual), Wagley, apresentando estar tomado de sentidos amazônicos, esclarece:

Poderíamos perguntar, entretanto, que importância tem a menor estatura para a adaptação do homem ao ambiente tropical.<sup>26</sup> (...) Nem a altura, nem o peso têm qualquer correlação com a capacidade mental e a aquisição cultural do indivíduo.<sup>27</sup> (In Wagley, 1976: 9) [Minha tradução]

Desse modo, aos poucos, como em uma defesa da cultura e do homem amazônico,

*zonian environment is an insurmountable obstacle to development? In other words, does a hot and humid tropical environment impose limitations upon human development that make it next to impossible to raise living standards in such areas? This is a critical question for all tropical regions. In the specific terms of the Amazon, is it a frontier to be populated and developed for the benefit of the world's hungry or is it doomed to be forever a "green desert"? Opinions regarding the potentiality of the Amazon have mixed. On the negative side it has been described as a "green hell", and because so many grandiose dreams have centered on the region it has been called "green opium".* (In Wagley, 1976: 5)

<sup>26</sup> "Yet we may still what significance smaller stature has upon man's adaptation to tropical environment." (In Wagley, 1976: 9)

<sup>27</sup> "Neither height nor body weight has any correlation with mental capacity and cultural achievement." (In Wagley, 1976: 9)

Charles Wagley deixa transparecer, através do seu discurso, a presença de sentidos construídos na cultura amazônica:

A significância destes estudos da biologia tropical reside na demonstração que o clima tropical, como qualquer clima, pede dispositivos e hábitos artificiais especiais para a habitação e desenvolvimento cultural do ser humano. Parece, por exemplo, que o homem tropical precisa ingerir caloria, uma dosagem diferente de vitaminas, roupas especiais para proteger-se do sol e outros equipamentos apropriados como o que nós usamos contra o frio.<sup>28</sup> (In Wagley, 1976: 10) [Minha tradução]

Observa-se, no decorrer do discurso de Wagley, que o autor, embora sendo estrangeiro, construiu alguns sentidos na cultura amazônica e, aos poucos, vai a partir das hipóteses<sup>29</sup> construindo sua tese, ou seja, vai pondo ordem nos seus pensamentos até chegar a sua "verdade", deixando transparecer suas representações e inferências. A representação, segundo Frege (1979), é o fruto, a consequência do que cada indivíduo é, e é construída a partir de experiências, ou seja, a representação é a imagem interna imersa

<sup>28</sup> "The significance of these studies in tropical biology shows that tropical climate, like any climate, calls for certain special man-made devices and habits for human habitation and for cultural development. It would seem, for example, that in the tropics man needs less calorie intake, a different dosage of vitamins, special clothes to protect him from the sun, and other equipment analogous to that which we use against the cold." (In Wagley, 1976: 10)

<sup>29</sup> Hipótese é a desorganização do pensamento. Cf. Frege, Gottlob (1978). "Digressões sobre o sentido e a referência". In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix, pp.105-116.

no subconsciente de cada indivíduo, é inteiramente subjetiva, difere por isso do sentido de um sinal. A inferência é a convicção gerada através de sinais. Assim, de acordo com Frege, pode-se afirmar que são as representações e inferências de Wagley que o levaram a afirmar tantas vezes o atraso, a pobreza e críticas à cultura amazônica.

Compreende-se, então, que com o envolvimento cultural, Charles Wagley construiu sentidos amazônicos e os apresenta ao leitor, fazendo uma re-visão, trazendo com isso algumas mudanças de significações.

Sobre a re-visão, Bakhtin (1999:135) faz algumas considerações: “... a mudança de significação é sempre, no final das contas, uma **reavaliação**: o deslocamento de uma palavra determinada de um contexto apreciativo para outro.” Desse modo, compreende-se que a evolução do tema e das significações que compõem a obra de Wagley é a transformação da própria apreciação social do autor ao ambiente amazônico. Sobre a transformação da apreciação social e a mudança de sentido, Bakhtin (1999:136) comenta: “A evolução semântica na língua é sempre ligada à evolução do horizonte apreciativo de um dado grupo social [...]”

Compreende-se, desse modo, que Wagley, aparentemente, com novos sentidos culturalmente construídos, passa a ler a Amazônia sob novos pontos de vista. Sobre tais transformações, Bakhtin (1999:136) faz as seguintes considerações:

Uma nova significação se descobre na antiga e através da antiga, mas a fim de entrar em contradição com ela e de reconstruí-la.

O resultado é uma luta incessante dos acentos em cada área semântica da exis-

tência. Não há nada na composição do sentido que possa colocar-se acima da evolução, que seja independente do alargamento dialético do horizonte social. A sociedade em transformação alarga-se para integrar o ser em transformação. Nada pode permanecer estável neste processo. É por isso que a significação, elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação com uma instabilidade e uma identidade igualmente provisórias.

Nota-se, então, que Charles Wagley provavelmente construiu sentidos amazônicos através do envolvimento social, participando do dia a dia da comunidade, com amizades e interesses pela região descrita. Com sentidos culturalmente construídos em sua cultura original e sentidos construídos na cultura amazônica, ele leu contextos e cenários, reconstruindo suas significações e pontos de vista. Sentidos que manifestaram a interculturalidade e intersubjetividade, como espaço de busca do “outro” e de retorno a si mesmo. Assim, para total esclarecimento sobre a tradução dos sentidos amazônicos a sua cultura, volta-se à cultura e à tradução, e investigam-se os fatores que interferiram na tradução desses sentidos.

#### **1.4 A tradução da Amazônia à cultura estrangeira**

Observou-se que Wagley com sentidos culturalmente construídos em sua cultura original e sentidos construídos na cultura amazônica leu e interpretou o seu objeto de pesquisa: a comunidade de Itá. Esses sentidos

manifestaram a interculturalidade e intersubjetividade, como espaço de busca do “outro” e de retorno a si mesmo, comprovando assim que a questão da cultura é onipresente e influencia todas as decisões. Tal fato nos leva a reconhecer que somente com o envolvimento cultural e com a construção de sentidos na cultura lida fica possível a compreensão dos contextos e cenários e a tradução legítima dos mesmos à cultura estrangeira.

Através da análise, dá-se conta que Wagley, a fim de traduzir a Amazônia a sua cultura, também reconheceu o ambiente da comunidade descrita, construiu sentidos e, para que seu texto fosse lido e interpretado pelo leitor alvo, o leitor estrangeiro, ele também levou em conta o ambiente cultural desse seu interlocutor. Ao traduzir a Amazônia brasileira, Wagley, através das palavras, move-se no terreno sensível do juízo de valor. Como um tradutor, o autor traduz fazendo negociações, preocupado com a sua audiência: o leitor americano. Ao falar do “outro”, ele utiliza todo seu conhecimento adquirido através de leituras e vivências, deixando transparecer o imperialismo de suas representações natas transgredir a essência da realidade observada. Tais representações podem ser observadas quando ele culpa a cultura do homem amazônico pelo atraso da região:

É a cultura que determina os fins para os quais os homens de uma determinada área fazem uso de sua técnica e é o sistema social que determina a organização do trabalho e a distribuição dos produtos desse trabalho. (...) As principais razões que fazem do Vale Amazônico uma área atrasada e subdesenvolvida têm de ser buscadas na cultura e na sociedade amazônica e nas relações dessa região

com os centros do poder econômico e político e com as origens da difusão cultural.<sup>30</sup> [Minha tradução]

Através de suas representações, Charles Wagley vê sua cultura como superior e julga trazer soluções para resolver problemas amazônicos:

O conhecimento do modo de vida do homem amazônico fornecerá indícios do que deverá ser modificado para que possam ser melhorados os padrões de vida. Esse conhecimento nos permitirá prever algumas reações que não poderão deixar de provocar a introdução de novos elementos na cultura amazônica. (...) O ideal que consiste em “fazer com que os benefícios oriundos de nossas conquistas científicas e de nosso progresso industrial concorram para o progresso e o crescimento das áreas subdesenvolvidas” requer uma reforma cultural. (...) O trabalho requer a modificação da cultura - do modo de vida - e o reajustamento das relações de um povo com o ambiente que o cerca.<sup>31</sup> [Minha tradução]

<sup>30</sup> “*It is the culture which determines the ends toward which the men of a particular area make use of their technology, and it is the social system which determines the organization of work and distribution of the products of their work. (...) The main reasons why the Amazon Valley is today a backward and under-developed area must be sought in Amazon culture and society, and in relationship of this region with the centers of economic and political power and with the sources of cultural diffusion.*” (Wagley, 1976: 17)

<sup>31</sup> “*A knowledge of the way of life of Amazon man will indicate where changes must be made if living standards are to be improved. Such knowledge should allow us to foresee some of reactions to be expected from the introduction of new elements into Amazon culture. (...) The ideal of “making the benefits of our*

Tais representações, com sentidos construídos em sua cultura de origem, são observáveis em toda a obra. O sentido colonizador e imperialista de suas representações permite ao autor opiniões contraditórias e pontos de vista contraditórios. Isso se verifica quando o autor faz comentários à cultura por ele pesquisada. Observando-se aí sua contradição e generalização do Brasil em suas afirmações: “A regra empírica, geral para o Brasil - “Quanto mais clara a pele, mais alta a classe; quanto mais escura, mais baixa a classe” - pode-se dizer que foi feita para Itá.”<sup>32</sup> [Minha tradução]. “Entretanto, há indivíduos de todos os tipos raciais em todas as camadas sociais.”<sup>33</sup> [Minha tradução]

Nota-se que contradições em seus pontos de vista não param por aí. Confirmando-se, também, neste trecho, quando o autor refere-se às crianças adotadas na Amazônia:

Nessas famílias de lavradores é comum ver-se um menino de doze anos arcar com todo o trabalho da roça e substituir o pai na estrada de borracha quando este está doente. Mas os meninos são sobretudo solicitados a fazer um sem número de recados e a executar uma infinidade de tarefas que os adultos consideram desagradáveis. O comentário feito, certa vez, em brincadeira, por um brasileiro de que “os últimos escravos do Bra-

*scientific advances and industrial progress available for improvement and growth of undeveloped areas” involves cultural change. (...) The job involves modification of a culture.”* (Wagley, 1976: 18)

<sup>32</sup> “The general rule of thumb for Brazil - “The lighter the skin, the higher the class, the darker the skin, the lower the class” - may be said to apply in Itá.” (Wagley, 1976: 131)

<sup>33</sup> “Yet there are individuals of all racial types in all social strata.” (Wagley, 1976: 133)

sil são os garotos”, é um fato em Itá. Os adultos levam o dia fazendo esses meninos de nove a treze anos correrem de um lado para outro. Os garotos só têm tempo para brincar se conseguem fugir de perto dos adultos. A frequência com que se adotam crianças, em Itá, está, por conseguinte, diretamente relacionada à sua utilidade. (...) Essas crianças são geralmente muito bem tratadas. Os casais que as adotam consideram-nas verdadeiros filhos.<sup>34</sup> [Minha tradução]

Desse modo, Wagley descreve a adoção de crianças na Amazônia e o tratamento que os pais adotivos reservam a essas crianças, com pontos de vista contraditórios e deixa a sua audiência sem compreender o que foi vivenciado e compreendido pelo autor: as crianças adotadas são escravizadas, ou as crianças adotadas são bem tratadas?

Entre tantas enunciações contraditórias sobre a Amazônia brasileira, a cultura regional e a comunidade rural brasileira, o autor retoma sentidos amazônicos, compreende a cultura amazônica e declara:

[...] são muitas as tradições que Itá possui em comum com numerosas comuni-

<sup>34</sup> “In most rural families small boys of twelve years of age commonly do a full day’s work in the garden, and they often take the father’s place in making the rounds of a rubber trail when he is ill. Above all, little boys are asked to run innumerable errands and to perform a variety of small tasks which adults find trying. The observation, made in jest by Brazilian, to the effect that “the last slave in Brazil is the small boy”, is valid for Itá. Adults keep boys from about nine to thirteen years of age busy scurrying about. The frequency of adoption in Itá, in fact, directly related to the usefulness of children. (...) These children are in general treated well. When they are adopted by a childless couple, they are treated as if they were the parent’s own children.” (Wagley, 1976: 179-180)

dades rurais em todo o Brasil. Certas instituições econômicas, sociais, religiosas e políticas que se notam na cultura de Itá decorrem do fato de ser ela uma unidade de uma sociedade nacional e de participar da cultura nacional brasileira. Muitos problemas comuns a maior parte do Brasil rural manifestam-se de forma local em Itá e nela se encontram vários valores positivos da cultura nacional brasileira que **devem ser preservados e protegidos contra as transformações sociais**. Sob este ponto de vista, o estudo de Itá é um estudo da Amazônia brasileira e do Brasil rural.<sup>35</sup> [Tradução e grifo meus]

Destarte, após demonstrar compreensão à cultura amazônica, ao falar das tradições de Itá e da importância em preservá-las, novamente o autor faz enunciações contraditórias, com sentidos e representações próprios de sua cultura: “*O remédio para problemas das comunidades rurais, como Itá, não é o aumento da população e sim uma nova orientação econômica e social.*”<sup>36</sup> [Minha tradução] Tais enunciações, novamente, apresentam sentidos colonizadores e imperialistas e percebem a cultura do “outro” como

<sup>35</sup> “[...] Itá shares many traditions with rural communities throughout Brazil. There are economic, social, religious, and political institutions present in Itá culture which derive from the fact that it is a unit of a national society and from the fact that it shares in Brazilian national culture. Numerous problems common to most of rural Brazil appear in a local form in Itá, and many of the positive values of Brazilian national culture, which should be cherished and protect in the face of social change, are present in Itá culture. A study of Itá, in this case, is a study of the Brazilian Amazon and rural Brazil.” (Wagley, 1976: 263)

<sup>36</sup> “For rural communities such as Itá, the remedy for the problem is not more people but a new economic and social orientation.” (Wagley, 1976: 271)

inferior: “*A Amazônia brasileira é, claramente, uma área subdesenvolvida*”.<sup>37</sup> [Minha tradução]

Nota-se então que, embora o autor revele-se ansioso para traduzir a Amazônia brasileira à sua audiência, tentando definir, e às vezes nomear, o que ele vê nesse cenário, seus pontos de vista, suas experiências prévias e suas leituras anteriores teimam em manifestar-se através de sentidos colonialistas. Assim como o europeu, quando chegou às Américas e passou a denominar pessoas, lugares e crenças, Charles Wagley com essa prerrogativa colonialista mostra seu desejo de dominação. Ao reconhecer-se tais prerrogativas colonialistas na obra analisada, relembra-se Benveniste (1996) quando menciona que o locutor dá relevo ao papel do sujeito falante no processo da enunciação e procura mostrar como acontece a inscrição desse sujeito nos enunciados que ele emite. Ao falar em posição do locutor, Benveniste levanta a questão da relação que se estabelece entre o locutor, seu enunciado e o mundo. Relação facilmente verificável em Wagley ao falar da cultura amazônica em *Amazon Town*.

Desse modo, através do seu discurso controverso, Charles Wagley traduz a cultura amazônica com uma visão essencialmente imperial: uma comunidade pobre, faminta, com crenças absurdas que necessita da intervenção do “outro” para sair da ociosidade, do atraso, da estagnação.

Muitas vezes, Charles Wagley tenta converter a compreensão da Amazônia em uma compreensão norte-americana: “*O Vale Amazônico, quase tão vasto como os Estados*

<sup>37</sup> “The Brazilian Amazon is clearly an underdeveloped area.” (Wagley, 1976: 274)

*Unidos, é uma das mais extensas fronteiras tropicais modernas*".<sup>38</sup> [Minha tradução] Assim, nessa tentativa de conversão, Wagley procura atender sua audiência: "*Abaixo de Manaus, a área anualmente inundada pelo rio é de 40 a 50 quilômetros de cada lado. Como acontece com o Mississipi, as cidades e as aldeias ribeirinhas estão situadas nas ribanceiras e nos afloramentos de terra firme.*"<sup>39</sup> Compara contextos e cenários: "*Itá é quase tão antiga quanto Jamestown, na Virgínia*". [Minha tradução] Ademais, na comparação de contextos e cenários, tenta converter a sua audiência, preconceitos com base em sua cultura, como se nota na seguinte afirmação:

Estes conceitos estereotipados de que o negro é um bom contador de histórias e de que é dotado de extraordinária potência sexual assemelham-se, na realidade, aos preconceitos que existem na América do Norte a respeito do negro. Também, no sul dos Estados Unidos, contam-se numerosas piadas sobre negros, muitas vezes pornográficas.<sup>40</sup> [Minha tradução]

Faz comparações e comentários a respeito do negro amazônico com base em sua pró-

<sup>38</sup> "*The Amazon Valley, almost as large as continental United States, is one of the most extensive of these modern tropical frontiers*". (Wagley, 1976:3)

<sup>39</sup> "*Below Manaus the area annually flooded by the river is 25 to 30 miles on each side. As on the Mississippi, the river tows and villages are situated on bluffs and outcrops of terra firme.*" (Wagley, 1976: 15)

<sup>40</sup> "*The stereotype of the Negro as a good storyteller, and of the Negro as especially potent sexually, are similar indeed to stereotypes regarding the Negro encountered in North America. Furthermore, a series of jokes, many of which are pornographic, are told in the North American South about the Negro*". (Wagley, 1976: 139)

pria cultura e, desse modo, deixa suas impressões e seus pontos de vista registrados em toda a obra. Com sentidos construídos em sua cultura e, talvez, com alguns sentidos construídos na cultura amazônica, mas não especializados, o autor se contradiz em várias passagens do texto. Após falar sobre as crianças de Itá e levar seu leitor a um cenário de incompreensões, novamente ele se permite comparar cenários, como se observa neste trecho: *A idéia que as pessoas de Itá nos dão da maneira apropriada de educar crianças e do tratamento que estas recebem dos pais é, de várias maneiras, semelhante a que se vê no mundo ocidental.*"<sup>41</sup> [Minha tradução]

Os pontos de vista do autor são formados a partir de suas representações, que entram em desacordo, e criam novas controvérsias ao comparar culturas de regiões tão diversas. Tal fato é observado, aqui, novamente, em uma nova tentativa do autor em converter Itá a sua cultura: "*O resultado é que, apesar de os povoados, as vilas e as cidades não serem incorporados em unidades governamentais separadas como nos Estados Unidos, a sede dos municípios tem sempre a parte do leão nos benefícios proporcionados pelo governo.*"<sup>42</sup> [Minha tradução] Tentativas de conversão que muitas vezes, não atendem nem a sua própria audiência, como ao comparar, em um capítulo inteiro, a comuni-

<sup>41</sup> "*The picture which the people of Itá give of the proper manner of educating children and of the treatment of children by their parents is very similar in many ways to the one we are accustomed to in the Western World.*" (Wagley, 1976: 176)

<sup>42</sup> "*The result is that, although villages, towns, and cities are not incorporated as separate governmental units in the United States, the sede (municipal center) always gets the lion's share of government benefits.*" (Wagley, 1976: 270)

dade de Itá a Plainville, cidade dos Estados Unidos que nem todos seus leitores conhecem: “*Em comparação com Plainville, por exemplo, uma pequena comunidade de superfície aproximada, no centro dos Estados Unidos, Itá é extremamente atrasada e primitiva.*”<sup>43</sup> [Minha tradução]

Observa-se, então, que embora Wagley tente converter a compreensão dos sentidos amazônicos aos sentidos de sua própria cultura, não o faz com sucesso. Volta-se, assim, o interesse da pesquisa à maneira como o autor “traduziu” a Amazônia à cultura norte-americana e ao mundo. Analisa-se como a visão do autor foi transmitida ao público alvo e verifica-se que a imagem da Amazônia que o autor “vendeu” aos americanos e aos seus leitores em geral tem a presença do preconceito e do imperialismo. Mesmo que, em algumas ocasiões, o autor pareça assumir que conhece o Brasil e os problemas brasileiros: “*O Brasil só possui metade da quilometragem de estradas de ferro e três quartos da quilometragem de estradas de rodagem da França, um país dez vezes menor em superfície.*” (...) “*Um dos maiores problemas do Brasil rural é o transporte.*”<sup>44</sup> [Minha tradução] Um conhecimento aparente da problemática brasileira que leva o autor a fazer um retrato geral do Brasil rural sob seus pontos de vista: “*A maioria do Brasil rural não dispõe dos mínimos meios educacionais para os*

<sup>43</sup> “*Compared, for example, to that of Plainville, a small community of approximately the same size in the central United States, Itá seems exceedingly backward and primitive.*” (Wagley, 1976: 275)

<sup>44</sup> “*Brazil has only half the railroad mileage and only three-fourths the motor-road mileage of France, a country less than a tenth as large. [...] One of the major problems of rural Brazil is transportation.*” (Wagley, 1976: 266)

*seus habitantes. O Brasil potencialmente é uma das nações mais ricas do mundo, mas ainda não utilizou o principal recurso de que dispõe: seu povo.*”<sup>45</sup> [Minha tradução] Retrato que, de tão contemporâneo, leva a sua audiência e estudiosos do Brasil a crerem no autor e no seu farto conhecimento sobre os problemas brasileiros: “*Até recentemente a situação sanitária do Brasil era notoriamente precária. Mesmo hoje, em muitas regiões do país, o povo do interior não dispõe dos meios modernos de proteção sanitária.*”<sup>46</sup> [Minha tradução] A grande credibilidade no autor e a enorme repercussão da obra levaram alguns dos seus leitores, também escritores, a escreverem sobre a Amazônia e seu povo. Como se observa em Elisabeth Bishop que, antes de viajar ao Amazonas, leu e analisou *Amazon Town* e, durante sua viagem pelo Rio Amazonas, baseada na obra, escreveu seus versos<sup>47</sup>.

Charles Wagley, com sua obra *Amazon Town*, aparece no cenário internacional como um verdadeiro conhecedor do Brasil, usa de sua pesquisa em Itá e generaliza o Brasil: “*Em Itá, como na maior parte do interior do*

<sup>45</sup> “*Most of rural Brazil lacks the minimal educational facilities for its people. Brazil is potentially one of the world’s richest nations, but it has not as yet made use of its greatest resource: its people.*” (Wagley, 1976: 267)

<sup>46</sup> “*Until recently the health situation in rural Brazil was notoriously poor.*” (Wagley, 1976: 267)

<sup>47</sup> Bishop, no prefácio do seu poema, comenta a pesquisa de Wagley, descreve personagens e assume o ponto de vista de um dos pesquisados de Wagley: o ponto de vista do próprio homem do rio. Neste trabalho de Bishop, observa-se que enquanto Charles Wagley revela em *Amazon Town* sentidos de um estrangeiro influenciado pela sua presunção de superioridade cultural. A poeta adota o ponto de vista do próprio homem do rio. Cf. In Martins, Maria Lucia Milleo (1992).

*Brasil, há conflito entre a cidade e o campo. [...] Por todo o Brasil, os moradores de pequenos povoados e habitantes rurais sentem um antagonismo para com os moradores urbanos e seu governo local*".<sup>48</sup> [Minha tradução] Nessa sua tendência a generalização, percebe-se mais uma prerrogativa da colonização. Para o colonizador os colonizados e "inferiores" são todos iguais. Com tais suposições de superioridade cultural, o autor não "vende" apenas Itá, a comunidade por ele pesquisada, "vende" também ao leitor estrangeiro, todo o Brasil rural:

Em todo o Brasil rural as pessoas da cidade duvidam da capacidade do caboclo, do tabaréu, ou do caipira, em adquirir educação e progresso social e econômico. [...] como as pessoas de Itá, a visão do mundo da maioria da população rural brasileira é mística. [...] por todo o Brasil o sobrenaturalismo e a ciência popular ainda constituem os principais elementos do conceito do mundo que faz a maioria da população rural. Conquanto esse ponto de vista esteja começando a desintegrar-se sob o impacto de uma ideologia mais moderna vinda das grandes cidades, ainda constitui uma barreira à transformação social. Enquanto uma concepção científica do mundo não suplantar a atual concepção popular dos brasileiros do interior, a transformação econômica e social não poderá integrar-se plenamente na vida brasileira. [...] O Brasil só desenvolverá suas grandes possibilidades quando a política e os aconte-

<sup>48</sup> "In Itá, as in most of rural Brazil, there is a conflict between the city and the country". (Wagley, 1976: 269)

cimentos internacionais criarem circunstâncias favoráveis.<sup>49</sup> [Minha tradução]

Vê-se então que Wagley, em sua tradução do Brasil a sua cultura e ao mundo, demonstra seus sentidos culturalmente construídos e leva o leitor a conhecer e interessar-se pela Amazônia ao longo do seu livro.

Nada obstante, é importante também mencionar o interesse do autor em preservar aspectos relacionados à língua utilizada no cenário pesquisado. Tal interesse pode ser interpretado como um modo de Charles Wagley revelar sentidos construídos nesse cenário. São esses sentidos, construídos e especializados na cultura amazônica, que levam o autor à consciência do valor da língua e que se mostram pela manutenção de várias palavras ou expressões indígenas (incorporadas ao português brasileiro) em sua descrição. Essa manutenção de palavras e expressões está presente em várias passagens na obra e encontram-se bem marcadas no capítulo em que Wagley fala sobre a magia e a ciência da comunidade (sacacas, Tupi,

<sup>49</sup> "Throughout rural Brazil townspeople are apt to be pessimistic about the capacity of the caboclo, the tabaréu, or the caipira for education and social and economic advancement. [...] like the people of Itá, the view of the world of most rural Brazilians is mainly a magical world view. [...] throughout Brazil supernaturalism and folk science are the main elements of the world view of the majority of the rural population. Though this world view is beginning to disintegrate under the impact of more modern ideology coming from the large cities, it still poses a barrier to social change. Not until a scientific view of the world supplants the present folk view of rural Brazilians will economic and social change be fully integrated into Brazilian life. [...] Brazil will develop its great potentialities only as international events and policies create amenable circumstances." (Wagley, 1976:273-275)

inhambu, Anhangá, Curupira, guariba, igarapé, caruara, Matintaperera etc.).

As palavras na língua original ajudam o autor a ilustrar o que ele não consegue traduzir à sua audiência norte-americana, tal recurso, de acordo com Miguel Nenevê (2003:164), pode ser um indício de que Wagley esteja ciente de que a língua é o espelho da realidade que ele quer retratar. Nesse sentido, o autor pode estar tentando assegurar-se que ao manter as palavras na língua original, escapa do perigo de interpretar erroneamente uma cultura e uma visão de mundo. Ademais, segundo Nenevê, se observarmos por um outro lado, a manutenção da língua pode ser interpretada como um recurso do autor para manipular a realidade e enfatizar aspectos que interessam apenas ao observador.

Wagley mantém a língua portuguesa em várias passagens, por exemplo, ao referir-se à *cobra grande*, personagem do folclore amazônico, ao falar da pessoa que auxilia os partos, a *parteira* ou *curiosa*; ao nomear animais, *sucuriju*, *giboia*<sup>50</sup>, *boiúna*; plantas, *araticu*, *andiroba*, *abuta*, *carapanaúba*, *ananas*; doenças, *mãe do corpo*, *panema* etc. No entanto, permanece a dúvida sobre o real objetivo de sua manutenção: o respeito à língua (uma comprovação da construção dos sentidos na Amazônia) ou um modo de manipulação (representações e sentidos da cultura colonialista e imperialista).

Nota-se, assim, na obra de Wagley, por um lado, a visão colonial desse pesquisador e antropólogo que, por ter lido e estudado sobre a Amazônia, imagina-se bom conhecedor e pronto para traduzi-la. Por outro lado, lê-se sua desaprovação em relação ao modo

<sup>50</sup>A ortografia da palavra *jibóia* está de acordo com o que se encontra à página 236 de *Amazon Town*.

de vida da comunidade pesquisada, às suas crenças e à sua cultura. Talvez, a mesma desaprovação de outros estrangeiros que pela Amazônia passaram, colonizaram mentes e não reconheceram o valor da cultura da região.

Percebe-se, portanto, em *Amazon Town*, de Wagley, perspectivas do autor estrangeiro inegavelmente influenciado por suas suposições de superioridade cultural. Pode-se dizer que se reconhece na escrita de Wagley o que Foucault (1980) defende em *Power/Knowledge: Selected Interviews and Other Writings*, o conhecimento subjogado, conhecimentos que foram desqualificados como inadequados ou insuficientemente elaborados. Como se observa neste trecho: “*A letargia e o atraso em que vivem Itá e todas as comunidades similares são uma ameaça para o mundo, não apenas para o Brasil.*”<sup>51</sup> [Minha tradução]

Observa-se, então, que Wagley, através de sentidos construídos em sua cultura, contrapondo-se com sentidos amazônicos, deixa prevalecer nesta sua obra, uma tradução da Amazônia à audiência internacional, as suas representações imperialistas, permitindo que se reconheça em seu discurso a ideologia européia do colonizador que vê o “outro” como o nativo indolente e com poucas chances de sobreviver por si mesmo.

## 2 Referências bibliográficas

AGRA, Klondy Lúcia de O. (2004). “Tradução e Representação da Amazônia: uma análise da obra de Charles Wagley,

<sup>51</sup> “*The lethargy and backwardness of Itá, and all similar communities, is a threat to the world, not just to Brazil.*” (Wagley, 1976: 325)

- Amazon Town e de sua tradução para o português brasileiro” Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em Lingüística da Universidade Federal de RO - UNIR, sob orientação do professor doutor Miguel Nenevé.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (2000). *Normas ABTN Sobre Documentação*. In: Manual de Normas de Apresentação de Monografias, Dissertações e Teses - Terceira Edição. Org. por Ferrarezi Jr. Para o Programa de Pós-Graduação -2003. Guajará-Mirim, RO.
- BAKHTIN, Mikhail/VOLOCHINOV(1999). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- BENVENISTE, E. (1996). *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: Nacional.
- BOSI, Alfredo (1992). *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras.
- EPSTEIN, Isaac (1993). *Gramática do Poder*. São Paulo: Ática.
- FREGE, Gottlob (1978). “Sobre o sentido e a referência”. In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix. Pp.59-86.
- FREGE, Gottlob (1978). “Digressões sobre o sentido e a referência”. In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix. Pp. 105-116.
- FOUCAULT, Michel (1980). *Power/ Knowledge: Selected Interviews and Other Writings*. New York: Pantheon.
- GONDIN, Neide (1994). *A Invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero.
- MARTINS, Maria Lucia Milleo (1992). “Brazil in the poetry of Elizabeth Bishop: A Dazzling Dialectic” (Dissertação de Mestrado). Florianópolis: UFSC.
- NENEVÊ, Miguel (2003). “Translating back P.K. Page’s Work, Some Comments on the Translation of Brazilian Journal into Portuguese”. In: *Interfaces Brasil/Canadá*, V.1, N.3. Belo Horizonte.
- RACCAH, Pierre Yves.(2002). “La Semantica de los puntos de vista: Hacia una teoria científica y empírica de la construcción del sentido”. In: *Letras de hoje*. Porto Alegre: PVC/RS. nº 129, pp. 45-72.
- WAGLEY, Charles (1976). *Amazon Town: A Study of Man in the Tropics*. New York: OUP.